



# Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 9 - Ano 5 - Nº 9 - Janeiro / 2017  
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612  
[www.artezen.org](http://www.artezen.org)

MESA TEMÁTICA 13 - ÉTICA E ARTETERAPIA  
 Ética Profissional e Ética Psíquica

6 – A ÉTICA DO CUIDADO EM ARTETERAPIA

Sonia Maria Bufarah Tommasi<sup>1</sup>  
 Edeltraud Fleischmann Nering<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo é fruto do minicurso ministrado por ocasião do 12º Congresso Brasileiro de Arteterapia, realizado em Salvador – Bahia, nos dias 13-15/10/2016. Trata da Ética, suas definições, onde surgiu, sua relação com a Filosofia, sua influência no cotidiano pessoal e profissional. Traz uma breve reflexão sobre a importância dessa área para a conduta do profissional *no* e *para* o processo arteterapêutico. Visa esclarecer e amparar o Arteterapeuta diante das questões que lhe são apresentadas, propiciando um atendimento adequado uma vez que a finalidade do exercício profissional é estar a serviço do bem comum, ou seja, a serviço do outro e de sua autorrealização, objetivos de uma mesma ação que tem como grande beneficiada a sociedade. A Ética tem muito a contribuir para que o processo arteterapêutico se desenvolva com integridade, onde prevaleça a Ética do Cuidado visando o acolhimento do sujeito que busca qualidade de vida integral.

**Palavras-chave:** Ética. Psicologia Analítica. Arteterapia. Profissão.

<sup>1</sup>**Sonia Maria Bufarah Tommasi** – Psicóloga, Mestre em Psicologia da Saúde, Doutora em Ciências da Religião. Especialista em Musicoterapia e Psicologia Analítica. Desenvolveu o Projeto Arteterapia e Loucura com os moradores do Complexo Hospitalar do Juquery Dir IV. Autora de vários livros em Arteterapia. Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Arteterapia CENSUPEG/FASFI Vice-Presidente e sócia fundadora da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT) Membro do Conselho Diretor da União Brasileira das Associações de Arteterapia - UBAAT. [soniabtommasi@gmail.com](mailto:soniabtommasi@gmail.com)

<sup>2</sup>**Edeltraud Fleischmann Nering** – Artista Visual, Especialista em Arteterapia, Especialista em Aconselhamento e Psicologia Pastoral. Massoterapeuta Oriental. Palestrante e coordenadora de Oficinas para grupos em geral. Atua no SPAço Aroma e Cor em Rio Negrinho – SC. Docente do Curso de Pós-Graduação em Arteterapia CENSUPEG/FASFI. Membro do Conselho Diretor e sócia fundadora da ACAT - Associação de Arteterapia do Estado de Santa Catarina desde 2007. [traudi10@gmail.com](mailto:traudi10@gmail.com)

## Introdução

Escrever sobre Ética não é tarefa fácil. Muito se fala no cotidiano e na vida profissional sobre ética, mas infelizmente, o conhecimento sobre esse tema é superficial, confuso e até mesmo caótico. A disciplina ética se faz presente na formação acadêmica de todos os profissionais. Apresentada de maneira didática e formal, não atinge a consciência profissional e humana dos estudantes.

O profissional arteterapeuta deve conhecer e respeitar o código de ética que o rege. Verifica-se que há posturas profissionais antiéticas e às vezes sem ética nenhuma. Uma das grandes questões do ser humano deste século é a falta de parâmetros éticos. Diante da complexidade da vida humana perdeu-se o conceito sobre o que é ou não é Ética.

O profissional arteterapeuta deve saber que o conceito de Ética se forma na psique, por meio da formação familiar, educação, religião e sociedade, e que faz parte do caráter e da personalidade. Segundo Neumann (1991, p.19): “o acordo com os valores do coletivo é a linha diretiva ética do indivíduo que faz do grupo, e a consciência é a instância do sistema psíquico que reagindo, tenta produzir esse acordo.”

O trabalho terapêutico exige uma postura ética *a priori*. O *setting* terapêutico é um lugar sigiloso. O arteterapeuta deve zelar pelo sigilo absoluto. Portanto, se deve pensar antes de expor as obras dos sujeitos, e em expor seus casos publicamente, mesmo tendo em mãos termos de consentimentos.

A história da ética se entrelaça com a história da filosofia e nela busca fundamentos para regular o desenvolvimento histórico-cultural da humanidade.

Ética: do latim *ethica*, moral natural, uma das divisões da filosofia. Sua origem é o grego *ethikós*. O latim aproveitou o neutro plural *tâéthicá*, tratado de moral, derivado de *êthos*, modo de ser, caráter, costume. Mas quando os romanos dominaram a Grécia já tinham preceitos éticos, embora sob a denominação de *mores*, normas de conduta, hábitos, costumes, impostos ao indivíduo pela comunidade desde que o homem organizou-se para viver em sociedade (SILVA, 2009, p. 403).

No Ocidente a ética ou filosofia moral inicia-se com Sócrates, a partir dos textos de Platão e Aristóteles. Para Sócrates, o conceito de ética iria além do senso comum da sua época, o corpo seria a prisão da alma, que é imutável e eterna. Existiria um “bom em si”, próprio da sabedoria da alma, e que pode ser rememorado pelo aprendizado. Esta bondade absoluta do homem tem relação com uma ética apriorística, pertencente à alma, portanto, para ser reconhecida, o corpo deve ser purificado.

O filósofo e romancista Leandro Konder define ética como “pauta de conduta” em que “os indivíduos são levados a formular princípios que devem valer tanto para eles como para os outros”, mas reconhece ser difícil formular projeto ético num tempo que a “sociedade gira cada vez mais em torno do mercado” e “as pessoas se sentem inseguras em relação aos valores universais, intrinsecamente qualitativos”, porque “nem tudo na vida delas pode ser quantificado e traduzido em cifras” como faz o mercado (Id.,2009, p. 404).

Vários foram os pensadores que estudaram como a Ética foi inserida no contexto histórico-cultural da humanidade, revendo e ampliando seus conceitos, provocando transformações, que servem até hoje como linha mestra para tomada de decisões diante das mais diversas situações.

Para o filósofo grego Sócrates havia uma concepção do bem, como felicidade da alma e do bom, como o útil para a felicidade. Via a tese da virtude (*areté*) — capacidade radical e última do homem como conhecimento, e do vício como ignorância, quem age mal é porque ignora o bem; por conseguinte, ninguém faz o mal voluntariamente. A tese, de origem sofista, segundo a qual a virtude pode ser transmitida ou ensinada. O homem age corretamente quando conhece o bem e o pratica. Aspirando ao bem, sente-se dono de si mesmo e é feliz! Para Dittrich in Tommasi (2005, p. 17) “ética nessa perspectiva encontra seu fundamento em uma ontologia que se expressa como um modo de ser do ser humano buscando um sentido de vida no bem, na bondade, no belo”.

Já ética do filósofo e matemático grego Platão, depende da sua concepção metafísica, dualismo do mundo sensível e do mundo das ideias permanentes, eternas, perfeitas e imutáveis, que constituem a verdadeira realidade e têm como cume a ideia do Bem, divindade, artífice ou demiurgo do mundo, estudo do ser ou da realidade; da sua doutrina da alma, princípio que anima ou move o homem e consta de três partes: razão, vontade ou ânimo, e apetite; a razão que contempla e quer racionalmente é a parte superior, e o apetite, relacionado com as necessidades corporais, é a inferior.

Aristóteles, outro filósofo grego, aluno de Platão, subordina sua ética à política. Sua ética era adaptativa, servindo às necessidades políticas de sua época. Abbagnano (1998, p.2) cita: “Aristóteles determina o propósito da conduta humana, a felicidade, a partir da natureza racional do homem”. O homem é, por natureza, um animal político. A maior parte da população mantém-se excluída não só da vida teórica, mas da vida política. A vida moral é exclusiva de uma elite que pode realizá-la, o homem bom, o sábio, deve ser um bom cidadão. Diz que na prática ética, somos o que fazemos, visando a uma finalidade boa ou virtuosa. “Toda arte, toda investigação e do mesmo modo toda ação e eleição, parecem

tender a algum bem; por isso se tem dito com razão que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem”, afirma Aristóteles (384/322 a.c) em “Ética à Nicômaco”.

Pode-se resumir a ética dos antigos, ou ética essencialista, em três aspectos: o agir em conformidade com a razão; o agir em conformidade com a Natureza e com o caráter natural de cada indivíduo; a união permanente entre ética (a conduta do indivíduo) e política (valores da sociedade). A ética era uma maneira de educar o sujeito moral (seu caráter) no intuito de propiciar a harmonia entre o mesmo e os valores coletivos, sendo ambos virtuosos.

Na Ética Cristã Filosófica medieval, faz-se filosofia para esclarecer e justificar, lançando mão da razão, o domínio das verdades reveladas ou para abordar questões que derivam das questões teológicas. O cristianismo não é uma filosofia, mas uma religião (antes de tudo, uma fé e um dogma). A filosofia é serva da teologia. A ética é limitada pela sua índole religiosa e dogmática. Maraschin in Tommasi (2005, p.189) lembra que:

Boa parte de nossas atitudes éticas contemporâneas são ainda ressonância das preocupações dos antigos filósofos gregos e dos dissidentes.(...) O resultado de suas escolhas filosóficas e teológicas gerou o pensamento teológico da Idade Média com suas consequências: dogmatismo e autoritarismo.

As profundas transformações que o mundo sofre a partir do século XVI e XVII com as revoluções religiosas como a Reforma Protestante, por intermédio de Lutero, científica com Copérnico e filosófica com Descartes, imprime um novo pensamento na era Moderna, caracterizada pelo Racionalismo Cartesiano – a razão é o caminho para a verdade, e para chegar a ela é preciso um discernimento, um método. Em oposição à fé, surge agora o poder exclusivo da razão de discernir, distinguir e comparar. Maraschin in Tommasi (2005, p. 191) comenta que “pensava-se que a razão pura traria, afinal, felicidade ao mundo. Mas depois de todas essas experiências com a racionalidade, o mundo continuou oscilando entre a barbárie das guerras e as lutas de classe”.

A Ética moderna traz à tona o conceito de que os seres humanos devem ser tratados sempre como fim da ação e nunca como meio para alcançar seus interesses. Immanuel Kant, um dos principais filósofos da Modernidade, afirmava “que não existe bondade natural. Por natureza somos egoístas, ambiciosos, destrutivos, agressivos, cruéis, ávidos de prazeres que nunca nos saciam e pelos quais matamos, mentimos, roubamos” (ABBAGNANO, 1998, p. 384).

No século XIX, o filósofo Friedrich Hegel, traz uma nova perspectiva complementar e não abordada pelos filósofos da Modernidade. Apresenta a perspectiva Homem - Cultura e

História, sendo que a ética deve ser determinada pelas relações sociais. Como sujeitos históricos culturais, nossa vontade subjetiva deve ser submetida à vontade social, das instituições da sociedade. Desta forma a vida ética deve ser “determinada pela harmonia entre vontade subjetiva individual e a vontade objetiva cultural” (ABBAGNANO, 1998, p. 384).

Na contemporaneidade, Nietzsche, filósofo alemão, atribui a origem dos valores éticos não à razão, mas à emoção. Homem forte é aquele que não reprime seus impulsos e desejos, que não se submete a moral demagógica e repressora.

Para coroar essa mudança radical de conceitos, surge o médico neurologista Sigmund Freud, com a descoberta do inconsciente: instância psíquica que controla o homem, burlando sua consciência para trazer à tona a sexualidade represada e que o neurotiza. Porém, Freud, em momento algum afirma dever o homem de acordo com suas paixões apenas buscar equilibrar e conciliar o id (o id contém a nossa energia psíquica básica) com o superego (internalização das proibições), ou seja, o ser humano deve tentar equilibrar a paixão e a razão. Maraschin in Tommasi (2005, p.193) comenta: “Freud, por sua vez, demonstrou a instabilidade do “eu” e desenvolveu a teoria dos antagonismos existentes entre ego, o id e o superego. O “eu” que se sentia absoluto e dono de si mesmo viu-se, de repente, envolvido com as assombrações do inconsciente e do subconsciente”.

Na modernidade, cita Tommasi (2005, p. 126), “o conflito individual consiste na crise moral e na busca incessante de compreender os processos que regem a transição para uma nova ética”. Tommasi (2005, p 130) afirma ainda que, “ao assumir o lado escuro é possível o surgimento de nova experiência de ética e religiosa.” Isto significa trazer para a consciência conteúdos inconscientes, ou seja, o reconhecimento da sombra, pelo qual se dá o início da caminhada evolutiva, ou seja o caminho da individuação.

Erich Neumann, psicólogo e escritor alemão, vê neste trabalho que ele chama de psicoespiritual, um elemento determinante para a formação de uma verdadeira consciência moral. Longe de se projetar nos outros as tendências desordenadas da sua sombra, o novo ser moral reconhece-as em si, assume a responsabilidade por elas e depois integra-as numa vida moral coerente.

A experiência ética reúne caráter e costume: comportamento adquirido ou conquistado, hábito, durante o desenvolvimento da psique humana. É um conjunto de valores morais e princípios que norteiam a conduta humana na sociedade. Para Cortella (2011, p. 106), “a ética é um conjunto de valores que você usa para responder as três grandes perguntas da vida humana: Quero? Devo? Posso?”

Para Boff (2003, p. 37) “A ética é parte da filosofia. Considera concepções de fundo acerca da vida, do universo, do ser humano e de seu destino, institui princípios e valores que orientam pessoas e sociedades. Uma pessoa é ética quando se orienta por princípios e convicções. Dizemos, então, que tem caráter e boa índole.”

Há decisões que nem sempre são fáceis de serem tomadas, surgindo então os chamados dilemas éticos. Cortella (2011, p 107) lembra que: “Há coisas que eu quero, mas não devo. Há coisas que eu devo, mas não posso. Há coisas que eu posso, mas não quero. Quando você tem paz de espírito? Quando você tem um pouco de felicidade? Quando aquilo que você quer é o que você deve e o que você pode.”

Enquanto a Ética é parte da filosofia, a Moral diz respeito aos costumes, hábitos, comportamentos dos seres humanos, as regras de comportamento adotadas pelas comunidades. São normas, princípios, costumes, valores que norteiam o comportamento do indivíduo no seu grupo social. Para Boff (2003, p. 37) “A moral é parte da vida concreta. Trata da prática real das pessoas que se expressam por costumes, hábitos e valores culturalmente estabelecidos. Uma pessoa é moral quando age em conformidade com os costumes e valores consagrados”.

Moral não tem qualquer conteúdo filosófico. É apenas o que as pessoas fazem e pensam. Criada pelos diferentes grupos humanos. A Ética então seria a Disciplina que analisa esses comportamentos e crenças, para determinar se eles são aceitáveis ou não. Tem a ver com a essência do Ser.

Não se faz distinção entre ética e moral na vida diária. É nos relacionamentos pessoais e interpessoais do cotidiano que surgem os problemas e as indagações morais: o que fazer? Por quê? Como? É quando o sujeito precisa refletir sobre um determinado assunto e tomar providências ou não a respeito do mesmo.

Fato é que normalmente não se pensa sobre as ações diárias, que são espontâneas, impulsivas, habituais. Age-se na maioria das vezes por força do hábito, dos costumes. Não se faz a crítica e nem se busca compreender e explicar a nossa realidade moral. Cortella (2013, p.52-53) alerta para o fato de que “hoje a ética de proteção da vida, a ética de coletividade, que é uma das formas mais fortes para a elevação de nossa condição, vem sofrendo vários abalos. Cresceu muito a ética fingida, exibida apenas como fachada, na qual se prega o que não se pratica”.

Além dos princípios gerais que norteiam o bom funcionamento social, existe também a ética de determinados grupos ou locais específicos. Neste sentido, podemos citar: ética médica, ética de trabalho, ética empresarial, ética educacional, ética nos esportes, ética jornalística, ética na política, a bioética etc. Cortella apud Ricouer

(2015, p. 11) lembra: “Ética é vida boa, para todos e todas, em instituições justas”. É reverenciar os valores morais que sustentam o bom andamento da sociedade.

Por valores morais se entende os Juízos sobre as ações humanas que se baseiam em definições do que é bom/mau ou do que é o bem/mal. Princípios que fundamentam a consciência humana. Valores Morais estão presentes em todas as religiões e filosofias. Nos pensamentos, nas coisas que se diz, escreve e faz. Não têm validade universal. São inerentes à condição humana, isto é, não estariam presentes no mundo não-humano: animais agem por instinto e não por ética.

Os Valores Morais servem para orientar as pessoas no momento de suas escolhas. Permitem distinguir os comportamentos desejados e bons dos indesejados e maus. Reisin in Tommasi (2005, p. 68), considera que “a Ética diferencia-se da moral na medida em que coloca a singularidade como expressão do universal; por outro lado, a moral ordena códigos particulares que dão forma a leis e que propõem um ordenamento universal de todas as singularidades”.

O humano é um ser consciente porque possui sentimento de sua existência, da existência dos outros e do mundo. A consciência psicológica e a consciência moral formam a personalidade humana e, juntas, são responsáveis pela situação do homem dentro do contexto em que vive. Tommasi (2005, p. 114) afirma que, “para desenvolver a personalidade o indivíduo deve escolher o seu próprio caminho, que considera melhor para si, de maneira consciente e com decisão moral”. A consciência conduz o homem à reflexão, possibilita a liberdade de escolha. Não há liberdade sem consciência.

Enquanto a consciência psicológica permite ao homem escolher, a consciência moral com seus valores, normas e prescrições, orienta a escolha humana. Logo, os três fundamentos da moral são: Consciência – Liberdade – Responsabilidade. Para Cortella (2011, p. 106), “nós temos autonomia, porém não temos soberania. Não agimos por instinto. Agimos por reflexão, por decisão, por juízo.”.

## Ética profissional

A ética, numa perspectiva profissional é o eixo central das condições de sobrevivência do sistema atual. Wosiak e Ávila in Tommasi (2005, p. 170) lembram que, “A ética mostra como se deve proceder à frente de uma dada situação. “Deve fazer” implica “poder fazer”. Logo o campo ético é entendido como um espaço de liberdade, e nesse espaço, o homem constrói-se a si mesmo, pode ser o que escolher ser”.

Profissão é uma atividade pessoal, desenvolvida de maneira estável e honrada, a serviço dos outros e a benefício próprio, de conformidade com a própria vocação e em atenção à dignidade da pessoa humana. Ninguém é profissional para si mesmo.

A finalidade do exercício profissional é estar a serviço do bem comum, ou seja, a serviço do outro e de sua autorrealização, objetivos de uma mesma ação que tem como grande beneficiada a sociedade. Há uma expectativa da sociedade pelo cumprimento do papel do profissional. A competência, a responsabilidade e o compromisso são atitudes necessárias que marcam de maneira muito forte o ser profissional. Isso também se aplica ao trabalho terapêutico, como enfatiza Giglio in Tommasi (2005, p.178):

O processo terapêutico exige da parte do profissional uma postura ética a priori. Isso significa buscar sempre fazer o máximo para o bem-estar do paciente, respeitar seus valores e escolhas pessoais, não julgá-lo segundo seus próprios (do terapeuta) códigos morais e religiosos e evitar fazer qualquer coisa que possa eventualmente prejudicá-lo.

Qual a postura Ética do Arteterapeuta diante das questões que lhe são apresentadas pelos seus atendidos, e que muitas vezes geram dúvidas quanto à atitude a ser tomada? Para auxiliar na tomada de decisão é que foram criados os Códigos de Ética de cada profissão, incluindo o Código de Ética dos Arteterapeutas. Wosiak e Ávila in Tommasi (2005, p. 171) enfatizam que, “a ética como normatização da conduta adota uma postura pautada na razão: o pensamento deve dominar a paixão. E o código de ética pretende levar o profissional a atuar com base na sua ética”. O bom senso deve sempre caminhar em conjunto com o Código de Ética.

É de grande importância que as questões abordadas durante os atendimentos, sejam elas manifestadas verbalmente ou por meio das linguagens artísticas permaneçam em extremo sigilo, preservando a integridade psíquica da pessoa, oferecendo um espaço sagrado e acolhedor para que o mesmo sinta-se em segurança para expressar-se, uma vez que “os arteterapeutas são aqueles que valorizam imagens e símbolos, devemos então, ser sensíveis para os diversos níveis que a imagem evoca e não reduzi-los patologicamente sem compreender seu significado simbólico e sua essência”. Wosiak e Ávila in Tommasi (2005, p. 175).

Sem a ética torna-se difícil a sobrevivência como humanidade. Normas são importantes para ampararem a conduta diária seja em âmbito pessoal ou profissional. No entanto estas mesmas normas precisam estar adequadas, para isso é necessário por vezes serem reelaboradas visando o bem-estar de todos e todas, gerando

qualidade de vida e bem-estar, estimulando a convivência saudável, que conduz a um mundo, que é casa comum (*ethos*) bem cuidado e sustentável.

Olhar eticamente para as diversas questões que fazem parte da vida é um convite para o autoconhecimento. Sem este fica ainda mais difícil levar em consideração o ponto de vista de outra pessoa, grupo, comunidade. Neste sentido a Psicologia Analítica abre caminhos para que o sujeito por meio da reflexão tome consciência de si, de suas atitudes em relação à vida pessoal, profissional, corrigindo rotas, ampliando a percepção do que de fato é importante para uma vida solidária de valores sólidos e saudáveis.

“Conhece-te a ti mesmo” antes proferido pelo oráculo de Apolo, torna-se o lema em que Sócrates posiciona toda a sua vida de sábio. Já Jung afirmou: “Vemos aquilo que melhor podemos ver a partir de nós mesmos” (JUNG, 1991 v. VI p.260). Para iniciar a jornada sobre a formação da ética no ser humano, será citado o conto: “A semente da verdade: um conto oriental sobre ética e honestidade”, já que é por meio da imagem, que a consciência humana se torna espiritualmente capaz e assim atinge a autoconsciência. “O homem apreende e reconhece o seu próprio ser apenas até o ponto em que é capaz de fazê-lo visível na imagem” (NEUMANN, 1991, p. 264). Eis o conto:

“A semente da verdade”

Thai era um ótimo menino, responsável, amigo e, acima de tudo, honesto.

Sempre que chegava da escola, dedicava-se ao seu passatempo favorito: a jardinagem. O jardim de sua casa era simplesmente fantástico, com cerejeiras, bambus, orquídeas e várias outras plantas, todas cuidadas com muito carinho. Imerso em seus pensamentos e realizando a tarefa mais apaixonante de sua vida, o garoto passava horas e horas no jardim, que a cada dia ficava mais lindo.

As outras crianças não conseguiam entender como Thai podia passar tanto tempo cuidando das plantas, mas ele sempre dizia:

– O tempo é o maior aliado da beleza e, em um jardim, ele não passa rápido nem devagar, apenas no ritmo certo. O jardim precisa de mim, e eu, do tempo...

Cada planta tocada por ele crescia, crescia viçosa, colorida e forte, e na família todos tinham certeza de que o menino era filho da terra, neto do tempo.

O imperador do país de Thai estava seriamente preocupado em definir quem o sucederia. Sem filhos nem parentes próximos, ele decidiu chamar todas as crianças do reino, pois entre elas, com certeza, encontraria alguém digno de assumir o trono.

Como todas as outras crianças, Thai também foi convocado e, no dia marcado, dirigiu-se até o palácio do imperador. Havia milhares e milhares de pequenos súditos no jardim, mais do que Thai podia imaginar que vivessem no reino.

Apareceu então o imperador, que disse, sem fazer rodeios.

– Crianças, preciso escolher entre vocês o meu sucessor, o futuro imperador de nosso país. Eu vou lhes dar uma tarefa, e a minha escolha vai depender da dedicação de vocês. Estou com milhares de sementes. Quero que vocês as levem e as cultivem. O trono será daquele que me trouxer, daqui a um ano, a planta mais bonita, mais bem cuidada. Vocês irão dispor de um ano inteiro, portanto terão o tempo a seu favor. Durante esse período, observem o que acontece com a semente, com a planta. Deixem que elas lhes ensinem uma bela lição...

O coraçãozinho de Thai iluminou-se, pois ele era um excelente jardineiro. Com certeza, essa seria sua oportunidade.

Porém a pequena chama de esperança acesa naquele instante foi se apagando. É que, por mais que Thai se esforçasse, a semente não brotava. O menino fez tudo o que podia, adubou a terra, colocou o vaso no sol, regou a semente com água da nascente, mas seus esforços de nada adiantaram.

Aquele ano passou muito rápido. Logo chegou o dia de apresentar a planta ao imperador, e a semente de Thai ainda não havia brotado. O menino estava tão envergonhado que não sentia nem mesmo vontade de comparecer ao evento; porém seu avô lhe disse:

– Você é dedicado, Thai, mas antes de tudo é honesto. Vá até o imperador e diga a verdade a ele.

– Mas, vovô, se eu tivesse tido um pouquinho mais de tempo...

– Meu neto, todas as crianças tiveram um ano para cuidar de suas sementes, e um ano é muito tempo... Sua dedicação foi extrema, mas a semente não brotou. Não se envergonhe querido, diga apenas a verdade e não culpe o tempo. Talvez seja esta a lição que o imperador quer que você aprenda: algumas vezes a verdade não é tão bonita como um a flor, mas precisamos encará-la com coragem.

– Como assim, vovô? – perguntou Thai.

– Muito simples. Nossas atitudes devem ser norteadas pelo compromisso com a verdade, e devemos agir sempre em busca da felicidade, sem que a nossa alegria deixe ninguém infeliz.

– Entendi, vovô. Suas sábias palavras me fizeram compreender que, ao contar a verdade ao imperador, dizendo que me esforcei ao máximo para fazê-la brotar, estarei caminhando em direção à felicidade. A mentira deixaria no mínimo duas pessoas infelizes, o senhor e eu, porque saberíamos que menti!

– É exatamente isso, querido. Esse é o significado de uma palavra mágica, a ética, um valor básico que deve acompanhar você por toda a vida.

– Muito obrigado vovô. Estou pronto para ir ao encontro do imperador. Levarei comigo o vaso com a terra e a semente que não brotou e terei em meu coração a certeza de que fiz o melhor que pude.

E o jovem jardineiro dirigiu-se ao palácio, cheio de coragem.

Entretanto, ao chegar lá, Thai ficou muito envergonhado, pois era a única criança que não levava consigo uma belíssima planta. Havia flores de todas as cores e árvores de todos os frutos.

O imperador sentado em seu trono chamava as crianças uma a uma e examinava minuciosamente as plantas. Perguntava a cada criança que lição aprendera com a semente, e todas respondiam ter aprendido sobre o talento, a perseverança e o dom necessário para fazer a semente brotar.

Apesar de os resultados serem esplêndidos, o imperador não sorria nem esboçava contentamento.

Thai estava muito nervoso, pois, se o imperador não havia até agora aprovado aquelas plantas maravilhosas, o que não diria de seu vaso contendo apenas terra? E assim o pequeno menino foi ficando para trás e, quando se deu conta, era o último da fila. Mas sua vez chegou, e ele não poderia mais adiar o encontro com o imperador.

– Vejamos bem, meu jovem, o que tem aí para mim?

Thai não pôde mais conter as lágrimas. Com a cabeça baixa, mostrou o vaso com terra ao imperador e disse:

– Senhor, eu tenho talento, sou um bom jardineiro, e uma de minhas virtudes é a perseverança, mas, por mais que eu tenha me esforçado, a semente não brotou. Estou envergonhado e peço perdão... Talvez tenha sido falta de sorte, mas dedicação não me faltou. Considero o tempo meu aliado, porém confesso senhor, que dessa vez ele se esvaiu muito rápido.

– Mas você não teve tempo suficiente para meditar a esse respeito? – perguntou o imperador.

– Tive muito tempo para refletir sobre a semente que me foi dada e decidir qual seria minha atitude. Optei por dizer a verdade, relatar-lhe meu esforço e rogar-lhe perdão. Estou muito envergonhado por causa desse vaso com terra que trago comigo.

– Não se envergonhe criança, você fez o que pôde. Alias, estou muito surpreso de ter recebido aqui tão lindas plantas brotadas de sementes mortas. Levante a cabeça, Thai, meu futuro sucessor. E preste atenção, meu filho: Apesar de você considerar a perseverança como sua grande virtude, asseguro que hoje o valor que prevaleceu foi outro: a ética, a honestidade. Vou explicar: eu havia queimado todas as sementes antes de entregá-las às crianças. Nenhuma poderia germinar, jamais. Portanto, entre todas as crianças que aqui estão, você foi o único que plantou a semente da verdade.

A partir daquele dia o reino e seus súditos puderam contar com um futuro governante. Thai ainda tinha muito a aprender com o imperador, um homem justo e amado pelo povo. Mas nunca, nunca o garoto se esqueceria das sábias palavras de seu querido avô.

E Thai governou o reino por muitos anos, ficando conhecido por suas atitudes justas, honestas e éticas. Foi um excelente imperador a

até hoje é lembrado pelo seu povo como aquele que soube colher os frutos da semente da verdade (SECCO, 2001, p. 16).

A psicologia analítica de Jung lê criticamente a cultura e a civilização ocidental buscando significados e sentidos. Para Jung (1986, v. 17, p. 91) a psicologia considera “o homem tanto no seu estado natural como no estado modificado pela cultura”, portanto, o profissional deve ter sempre dois pontos bem claros: a natureza e a cultura.

### **A velha ética e o bem e o mal**

Neumann (1991) considera como “velha ética” os ideais mais diversos e seus graus de perfeição, os valores absolutos. A “velha ética” origina-se mais profundamente no judaísmo-cristão e grego. E desenvolveu-se dentro do paradigma do santo, do sábio, do nobre, do herói.

O valor de belo e bom dos gregos antigos, ou a piedade de Francisco de Assis podem ser considerados como “lei revelada”, e determinam o modo do comportamento da humanidade, porque são codificadas e comunicáveis, tornando desta forma absoluto o valor ético.

Quando Neumann questiona-se sobre a ética ou mesmo sobre uma nova ética, a humanidade ainda está sob o impacto da segunda guerra mundial. Para ele, a velha ética judaico-cristã foi incapaz de conter as forças destruidoras da humanidade.

Como os valores da velha ética são absolutos, e não são direcionados para a realidade do indivíduo e sim para o coletivo, a adaptação é árdua e difícil, muitas vezes inatingível. Por exemplo, as rígidas regras impostas aos adeptos de segmentos religiosos fundamentalistas.

Segundo Neumann (1991, p.19-20) “O acordo com os valores do coletivo é a linha diretiva ética do indivíduo que faz parte do grupo, e a consciência (*Gewissen*) é a instância do sistema psíquico que reagindo, tenta produzir esse acordo”. Estar de acordo com os bons valores significa ter boa consciência, estar em desacordo com os bons valores significa má consciência. Para adaptar-se ao ético ideal o indivíduo utiliza dois métodos fundamentais: a supressão e a repressão.

Supressão é uma ação consciente do ego que em geral se desenvolve e se cultiva sistematicamente. É importante notar que na supressão se faz um sacrifício que leva ao sofrimento. Tal sofrimento é aceito, e por isso, os conteúdos e partes da personalidade excluídos, mantém permanente vinculação ao ego. Na Repressão, os conteúdos reprimidos e excluídos, as partes da personalidade que contradizem o valor ético, perderam a relação com o sistema da consciência, são inconscientes ou esquecidos, ou seja, o ego nada sabe de sua presença (Ibidem 1991, p.17-18).

Os conteúdos reprimidos são fatais tanto para o indivíduo quanto para o coletivo. Tommasi (2005, p. 118) relata que, “esse estado leva o indivíduo a ser repentinamente assaltado por sintomas, crises e até possessões, como o clássico: *O médico e o monstro*.”

Para Jung, o conceito de sombra significa o aspecto obscuro da psique, inferior e indiferenciada, representa a parte da personalidade que foi reprimida pela consciência, tendências e características rejeitadas pelo ego.

O conceito persona, para a psicologia analítica, representa o aspecto da personalidade que se adapta ao ambiente externo social e muda constantemente no curso da vida. É a imagem social que o indivíduo encarna nas relações com o meio externo, as máscaras.

O processo educacional contribui muito para a formação de uma persona adequada à sua convivência social. Por outro lado, esta educação formará a sombra que não se harmoniza com os valores absolutos incorporados pela persona.

Uma possível relação do ego é identificar-se com a persona, identificando o indivíduo com o que é socialmente esperado dele, relegando à sombra inconsciente os aspectos conflitantes. Esta condição pode levar o indivíduo à inflação do ego – sentindo-se todo poderoso pela identificação com os valores coletivos socialmente determinados. Neste sentido o ego busca a luz e a bondade, no molde judaico-cristão, dividindo em si mesmo os campos de luz e trevas.

Para Neumann (1991, p.11), “foi válida a velha ética, os seus valores tiveram força eficaz, mas desde a irrupção do lado escuro de sua cosmovisão, o homem moderno tornou-se tão cético e inseguro dos valores, que não mais se percebe como um lutador contra o mal em favor do bem”. Quando determinado valor perde sua força dentro do coletivo significa que se introduziu uma crise de valores. O indivíduo fica sem orientação coletiva, ele adocece.

### **Fases da evolução da consciência**

O desenvolvimento da consciência ocorre naturalmente, tal como o desenvolvimento fisiológico. É a partir da passagem do ego, por uma série de imagens coletivas – os arquétipos – que se desenvolve a consciência do ego. Em cada passagem o ego percebe, experimenta, compreende e interpreta as imagens arquetípicas, travando relações com seus conteúdos e transformando-se em consequência disso.

Segundo Neumann (1991), os estágios arquetípicos da evolução da consciência, são divididos em fatores psíquicos pessoais (pertencem à personalidade do indivíduo) e os transpessoais (independem do indivíduo, são coletivos). Neumann dividiu em vários estágios a evolução da consciência do ego: Estágios

mitológicos na evolução da consciência e Estágios psicológicos do desenvolvimento da personalidade.

Estágios mitológicos na evolução da consciência: *Participation Mystique*; (termo introduzido por Lévy-Bruhl para descrever a mentalidade dos assim chamados primitivos e para caracterizar a sua interação com o mundo). Nesse momento o ego não é autônomo, é totalmente dominado pelo inconsciente. Não existe responsabilidade ética individual e consciente. A consciência do grupo é mais importante do que a individual. O indivíduo e o grupo são indistintos

Nos estágios psicológicos do desenvolvimento da personalidade, o ego consegue se impor diante das exigências do coletivo, mantém sua autonomia, realiza consciente os mandamentos e as proibições da ética coletiva. Os valores são identificados como do coletivo e o indivíduo tenta se identificar com eles. O ego sabe diferenciar o que deve e não deve ser realizado, estará evoluído para o ego criador, ocorrendo uma divergência crescente entre a ética individual e a ética do coletivo.

### A nova ética

Na modernidade o conflito individual consiste na crise moral e na busca incessante de compreender os processos que regem a transição para uma nova ética. A reorientação do indivíduo será realizada com a assimilação da “sombra” e ao mesmo tempo com a reelaboração da “persona”. O encontro entre ego e sombra passa a se manifestar em sonhos.

Com elementos marginalizados pela ética coletiva, como, por exemplo, o conteúdo sombrio na forma de louco, ladrão, mau, deficiente, etc. indo ao encontro do ego onírico. O indivíduo percebe que em sua personalidade há uma parte negativa. A sombra afirma constantemente ao ego: “Você é assim”. Desmoronando a velha imagem que o ego tem de si. “Chega-se ao reconhecimento perigoso da ambiguidade e pluralidade da própria natureza”. (NEUMANN, 1991, p.59). Esse mesmo autor salienta que:

O processo em que o ego se vê obrigado a reconhecer-se como mau e doente, como associal e sofredor, como feio e limitado, uma via analítica que dissolve a inflação do ego, fazendo-o perceber como e onde é limitado e unilateral, tipologicamente determinado, cheio de preconceitos e injusto, representa uma forma tão amarga de autoencontro, que é fácil se entender a resistência que ocorre (Id. 1991, p.59).

O embate com a sombra pressupõe o assumir conscientemente o mal em si mesmo, como fazendo parte da personalidade total do indivíduo. Esta assimilação deve ser genuína e não

amenizada como um mal parcial. Como este mal é individual, necessariamente não é o mal para o outro; deve-se assumir esta condição sem o apoio das regras coletivas, e haver-se sozinho com seu próprio mal estar.

O encontro com a sombra gera uma crise moral e é o momento ideal para se iniciar a análise. O analista deve reconhecer em que medida o ego está identificado com a persona e auxiliar o embate sombrio em busca de uma nova definição individual de ética. Permitir que a irmã inadequada, a sombra, também participe da vida só é possível a um ego que saiu de sua onipotência e permite a esta “estranha” sua oportunidade de viver. Neumann (1991, p. 108) afirma:

A nova ética corresponde à originária concepção judaica, segundo a qual a divindade fez a luz e a treva, o bem e o mal, na qual Deus e Satã eram aspectos do numinoso, não separados, mas vinculados entre si. O traço pretensamente primitivo do conceito judaico de Deus diz que sempre ao lado do Deus-Pai se manteve na experiência viva o seu aspecto de força irracional.

### Considerações finais

Ética, um termo cunhado na antiguidade que continua sendo importante nos dias atuais, seja no contexto individual, coletivo, pessoal ou profissional. Sem a ética o mundo seria ainda mais caótico do que já se encontra. Para viver em sociedade é necessário ter uma conduta que leve em consideração a pessoa na sua integralidade, portanto uma conduta ética, onde os valores sejam relevantes, onde o sujeito esteja consciente das suas responsabilidades frente às suas escolhas.

Ter uma postura ética no processo arteterapêutico, significa que o profissional precisa estar ciente de suas responsabilidades no que se refere tanto às ferramentas a serem utilizadas nos atendimentos, sejam elas teóricas ou práticas como também estar atento às suas potencialidades e limitações.

O processo terapêutico seja ele individual ou em grupo, exige da parte do profissional uma postura ética a priori. Isso significa buscar sempre fazer o máximo para o bem-estar do paciente, respeitar seus valores e escolhas pessoais, não julgá-lo segundo seus próprios (do terapeuta) códigos morais e religiosos e evitar fazer qualquer coisa que possa eventualmente prejudicá-lo.

Também quando se insere a arteterapia em eventos específicos como no caso do minicurso ministrado durante o 12º Congresso de Arteterapia, a ética se fez presente, não somente por ser o tema específico, mas porque se abriu um espaço para o desenvolvimento individual com interação grupal, experimentando-se um conjunto de atividades que facilita o encontro com

diferentes pessoas, com diferentes demandas, onde os valores e a ética do cuidado em arteterapia pode ser dialogada e vivenciada, sem preocupação estética, a pressão de que tudo saia perfeito, sem avaliação artística ou comparação. Cada participante pôde sentir-se acolhido e expressou-se criativamente, sendo estimulado a desenvolver-se como um ser ético saudável, que use a liberdade de escolha com responsabilidade e cuidado, que acolha a escolha do outro e assim cada um poderá expressar-se livremente sob a égide da ética do respeito mútuo.

Para auxiliar na tomada de decisões, melhor atender, ser um instrumental para fixar acordos capazes de orientar as relações, o arteterapeuta conta com o chamado Código de Ética, cujo objetivo é nortear o arteterapeuta em sua prática profissional. Estas normas visam resguardar a integridade e o bem-estar do cliente, bem como proteger a comunidade arteterapêutica e a sociedade.

Além disso, cabe ao profissional usar do bom senso frente às diversas situações que lhe são apresentadas, mantendo sigilo absoluto, acolhendo, sendo sensível ao processo de autoconhecimento do sujeito, estimulando-o a desenvolver-se como um ser ético saudável, que use a liberdade de escolha com responsabilidade. Ética é reverenciar a vida e seus valores, usufruir da liberdade com responsabilidade.

Durante o minicurso, as participantes a partir da escolha de uma palavra específica, elaboraram um estandarte pessoal, utilizando a técnica da colagem de diversos materiais disponíveis sobre cartolina colorida. Tanto as palavras escolhidas como a produção plástica proporcionaram uma profunda reflexão sobre o tema proposto, deixando evidente a importância de se continuar refletindo sobre A Ética do Cuidado em Arteterapia.

## Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOFF, L. **Ética e moral** – a busca dos fundamentos. Petrópolis RJ: Vozes, 2003.

BRASIL ESCOLA. **O que é Ética**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/o-que-etica.htm>. Acesso em 04 Nov. 2015.

CORTELLA, N.S. **Qual é a tua obra?** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pensar bem nos faz bem!** Petrópolis. RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Não se desespere: provocações filosóficas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Educação, convivência e Ética: audácia e esperança!** São Paulo: Cortez, 2015.

GAUT, B. **Ética e Arte**. Disponível em [http://www.raf.ufop.br/pdf/artefilosofia\\_03/artefilosofia\\_03\\_01\\_convite\\_berys\\_gaut.pdf](http://www.raf.ufop.br/pdf/artefilosofia_03/artefilosofia_03_01_convite_berys_gaut.pdf). Acesso em 03 nov. 2015.

JUNG, C.G. **Desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 1991.

NEUMANN, E. **Psicologia profunda e nova ética**. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus e Vozes, 2002.

SECCO, P. E. **A semente da verdade**. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

SILVA, Dionísio da. **De onde vêm as palavras:** origens e curiosidades da língua portuguesa. 16.ed. rev. ampl. Osasco - SP: Novo Século, 2009.

TOMMASI, S. M. B.(Org). **Revisitando a ética com múltiplos olhares**. São Paulo: Vetor, 2005.

WIKIPÉDIA. **Ética**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89tica>. Acesso em 03 nov.2015